



Prot. N. 0384/2020

Roma, 3 de dezembro de 2020

*A todos os membros da Família Dehoniana*

Carta de Natal 2020

## **“Enquanto assim pensava” (Mt 1,20)**

Queridos irmãos e todos os membros da Família Dehoniana,

Lá, em Nazaré de Maria e José, tudo acontecia sem nenhum transtorno particular. Com o passar dos dias, chegou o momento de compartilhar suas vidas, como era costume entre as pessoas de sua aldeia. Mas um acontecimento inesperado alterou tudo: o Deus das promessas aproximou-se deles de uma forma que ninguém poderia imaginar. Mateus e Lucas dão um bom relato do que aconteceu lá. Eles sempre nos lembram disso. Lucas, detalhando algo mais sobre Maria; Mateus, de sua parte, sobre José. Talvez o tenham feito porque nenhum dos dois evangelistas queria monopolizar o exclusivo. Ambos preferiram compartilhá-la, porque sabiam que a Boa Nova era, e continua a ser, para todos.

Lucas nos aproxima do que Maria experimentou quando ela foi abordada pelo anjo de Deus. A saudação que ela recebe a assustou, mas ela não fugiu dela. Ela escutou atentamente, pensando bem no que acabara de ouvir. Consciente de sua pequenez, ela procurou compreender e, para conseguir isso, não encontrou melhor caminho do que o do diálogo humilde e sincero. Só então ele decidiu. Ela aceitou o chamado para abrir espaço em si mesma para o Filho que havia sido anunciado. Nesse exato momento, Maria tornou-se uma oblação: seu ventre e seu mundo se abriram sem reservas à Vida.

E José? Mateus o apresenta, literalmente, como "seu homen". Entretanto, consciente da condição de sua noiva, mas desconhecendo os caminhos de Deus, ele escolheu "deixá-la ir". Mas sua decisão o mergulhou em um conflito interior. O homem "justo" ficou preso entre a justiça impiedosa que ele conhecia e o que ele realmente queria. Ele mesmo parecia infeliz com o que acabara de decidir. De fato, algumas das palavras que o evangelista usa para identificar o que José pretendia fazer estão perigosamente próximas daquelas usadas para descrever as ações de Herodes e Pilatos. O primeiro, quando age "em segredo" contra o rei

recém-nascido dos judeus (cf. Mt 2,7); o segundo, quando "solta" o criminoso e condena o verdadeiro justo, o mesmo rei criança que Herodes tanto temia (cf. Mt 27,11.19.26).

José continuou pensando no que estava acontecendo, como se quisesse resolver tudo de maneira diferente. Precisamente, "*enquanto assim pensava*", o inesperado aconteceu: Deus se aproximou dele. Ele o fez no momento em que a condição humana se abre sem cautela para a imprevisibilidade dos sonhos. Através do anjo, Deus confirmou a pertença de José a seu povo. Ele o lembrou que é o *filho de Davi*, não da Lei severa, nem do medo. E naquele povo, além disso, ele lhe pediu que renovasse seu vínculo com Maria, a mulher dócil ao Espírito.

A partir daí, como um amigo que compartilha seu eu mais íntimo, Deus confiou a José o que mais amava: a vida de seu Filho e a salvação de seu povo. Mas será que esse homem saberia apreciar tanto amor compartilhado? Mas, claro! A proximidade, a intimidade e a confiança que Deus lhe mostrou foram suficientes, não apenas para dissipar seus medos, mas para reavivar sua esperança, seu amor e sua dignidade. Esse sonho o restaurou do fundo de seu ser; por isso, levantando-se, assumiu sem hesitar a tarefa que Deus havia deixado em suas mãos. Ele reagiu - agora - como um verdadeiro homem justo.

Acolhendo Maria, o Filho em seu ventre e seu próprio povo, José antecipou o ensinamento que Jesus mais tarde compartilharia com seus discípulos: são verdadeiramente justos aqueles que reconhecem, sem preconceitos e com presteza, o imprevisível rosto humano de Deus, porque "*todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram*" (Mt 25,40). A solução para as incertezas de José não consistiu em negligenciar alguém. Passou sim, pelo encontro com os outros, com os mais frágeis e, sobretudo, por deixar que os sonhos de Deus recriassem a vida na medida do inesperado possível.

Juntos, com a Palavra em seu ventre, Maria e José deram assim um lar à misericórdia e à fidelidade de Deus. Com a Palavra diante dos olhos, eles a contemplaram e meditaram sobre ela com os pobres e os estrangeiros. Com a Palavra em seus braços, eles se juntaram aos refugiados e aos fugitivos. Com a Palavra em suas mãos, eles se tornaram peregrinos com seu povo. Com a Palavra guardada em seus corações, eles viveram seu discipulado sem medida. Tal dedicação não escapou à atenção de P. Dehon. Com eles ele aprendeu o caminho do abandono confiante e grato à vontade do Pai. Lá ele descobriu a escola de toda vida de amor e dedicação:

*"Nossos pensamentos devem dirigir-se habitualmente para eles. Para a vida interior, eles são absolutamente nossos modelos. Devemos estudá-los sobretudo na oração. Devemos aprofundar os seus sentimentos, os seus pensamentos, desejos, alegrias, tristezas e vontades, e conformar continuamente com eles os nossos pensamentos, palavras, ações e toda a nossa vida"*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> NTO 9140002/67 : « Notre pensée doit se porter sans cesse vers eux. Pour la vie intérieure, ils sont absolument nos modèles. Nous devons les étudier dans l'oraison principalement. Nous devons sonder leurs sentiments, leurs pensées, leurs désirs, leurs joies, leurs tristesses, leurs volontés et y conformer sans cesse nos pensées, nos paroles, nos actions, notre vie toute entière ».

Entre o retumbante sim de Maria e o silêncio entusiástico de José, Jesus encontrou um guia seguro para o coração do Pai e dos homens e mulheres de todos os tempos. Que momento oportuno para contemplarmos mais de perto esta família! Que boa companhia nos oferecem para não ficarmos estereis no desespero ou bloqueados na indiferença! Não são eles os que nos explicam como ninguém nossa própria razão de ser na Igreja e na sociedade? Se pudéssemos realizar um *webinar* com esta Sagrada Família nos próximos dias, e pedir-lhes que nos dissessem brevemente, *em dehoniano*, o que restou de tudo o que lhes aconteceu, não seria estranho que, com um olhar caloroso e um sorriso transbordante de ternura, eles nos dissessem algo assim em coro:

*É assim que entendemos a reparação:  
como acolhida do Espírito (cf. 1Tes 4,8),  
uma resposta ao amor de Cristo por nós,  
comunhão ao seu amor pelo Pai  
e colaboração com sua obra redentora  
no mundo em que vivemos<sup>2</sup>.*

Que este Natal seja reparador para nossas comunidades, nossas famílias e nosso mundo. Nós precisamos disso. Que estes sejam dias de procurar um pelo outro e encontrar os corações um do outro. Nós o queremos. Que a celebração do Emmanuel nos ajude a viver em gratidão, não pelo amanhã que não vem, mas pelo hoje do possível. Nós o queremos. Que "*enquanto assim pensamos*", não deixemos de dar espaço, e ainda mais quando é noite, aos sonhos que Deus compartilha conosco, porque muitas coisas podem, e devem, ser de outra forma. Ansiamos por isso!

Para todos vocês, Feliz Natal!

Fraternalmente, *in Corde Iesu*,

P. Carlos Luis Suárez Codorniú, scj  
Superior Geral  
e seu Conselho

---

<sup>2</sup> Cfr. Cst 23.